



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LUANA RAIANY MARTINS FERNANDES

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE: IDENTIFICANDO AS MARCAS DOS CONTOS DE
FADAS NA NARRATIVA DE ANA MARIA MACHADO – LEITURA DE *HISTÓRIA
MEIO AO CONTRÁRIO***

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

LUANA RAIANY MARTINS FERNANDES

**TRADIÇÃO E MODERNIDADE: IDENTIFICANDO AS MARCAS DOS CONTOS DE
FADAS NA NARRATIVA DE ANA MARIA MACHADO – LEITURA DE *HISTÓRIA
MEIO AO CONTRÁRIO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F363t Fernandes, Luana Raiany Martins.
Tradição e modernidade: identificando as marcas dos contos de fadas na narrativa de Ana Maria Machado – leitura de história meio ao contrário [manuscrito] / Luana Raiany Martins Fernandes. - 2019.
40 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Narrativa Infantil. 2. Ana Maria Machado. 3. Elementos dos contos de fadas. I. Título
21. ed. CDD 028.5

TRADIÇÃO E MODERNIDADE: IDENTIFICANDO AS MARCAS DOS CONTOS DE
FADAS NA NARRATIVA DE ANA MARIA MACHADO – LEITURA DE *HISTÓRIA
MEIO AO CONTRÁRIO*

LUANA RAIANY MARTINS FERNANDES

Aprovada em: 06 de dezembro de 2019.

Vaneide Lima Silva

Profª. Drª. Vaneide Lima Silva

Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador - UEPB/CAMPUS IV

Fábio Ferreira Lopes

Prof. Esp. Fábio Ferreira Lopes

Examinador Externo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

À minha mãe, Francisca Lúcia da Conceição
Neta e minha avó, Joana Martins Lucio,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho;

À minha mãe, que sempre se empenhou a cuidar de mim e a zelar pelo meu bem estar, muitas das vezes sacrificando sua própria vida em razão da minha;

À minha avó, por todo cuidado, amor e dedicação em cuidar de mim desde os primeiros anos de minha vida, apoiando-me e defendendo-me, independente de qualquer circunstância;

À minha família, que sempre esteve presente em toda a minha caminhada acadêmica;

Ao meu amigo e irmão Aldemir, por estar comigo em cada etapa de minha vida e por ter me ajudado nesses cinco anos de curso: sem você sem dúvidas tudo teria sido mais difícil. Obrigada por tudo;

Ao irmão Neto, por toda paciência, carinho e toda amizade construída durante esses cinco anos de curso que levarei para a vida toda: estarás sempre em meu coração, guardarei todos os conselhos, todas as risadas e todas as nossas brincadeiras. Tenho uma eterna gratidão pela sua pessoa, meu paizão da UEPB. Obrigada!

À minha orientadora, professora Dra. Vaneide Lima Silva, pelo estímulo na realização deste trabalho, por toda paciência, amor e dedicação ao longo da orientação desta pesquisa;

Aos professores dessa instituição de ensino, que me abriram as portas do conhecimento e que puderam compartilhar seus saberes;

Aos meus colegas de curso, por todo companheirismo e pelas experiências compartilhadas ao longo desses anos, muito obrigada.

E se as histórias para crianças passassem a ser de leituras obrigatórias para adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?

(José Saramago, in: *A maior flor do mundo.*)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a narrativa *História Meio ao Contrário* (1978), de Ana Maria Machado, procurando identificar e caracterizar os personagens principais da história, sem deixar de verificar de que maneira a autora retoma o gênero contos de fadas e desconstrói a sua estrutura na narrativa analisada, renovando e modernizando o gênero. Além disso, o trabalho discute, embora sucintamente, a importância da narrativa na sala de aula. Trata-se de um estudo que toma como fundamentação teórica trabalhos que discutem a definição e a estrutura dos contos de fadas e a obra de Ana Maria Machado, bem como sobre a narrativa para crianças. A pesquisa se caracteriza, portanto, como de base bibliográfica e tem como principais estudos os trabalhos de Abramovich (1997), Held (1980), Bettelheim (1978), dentre outros. A análise demonstra que a narrativa de Ana Maria Machado retoma personagens tradicionais dos contos de fadas, mas colocando-os em situações novas, desconstruindo, assim, a estrutura do enredo dos contos tradicionais, nos quais, em sua maioria, o príncipe e a princesa se casam e terminam felizes para sempre. Por isso, afirmamos que a autora parte de uma tradição (os contos de fadas) e, ao mesmo tempo, renova sua narrativa, na medida em que cria uma nova proposta de conduzir seu enredo, justificando, assim, o título de sua narrativa: *História meio ao contrário*.

Palavras-chave: Narrativa Infantil. Ana Maria Machado. Elementos dos contos de fadas.

ABSTRACT

This work aims to analyze the narrative *Story Half the Contrary* (1978), by Ana Maria Machado, seeking to identify and characterize the main characters of the story, while verifying how the author resumes the genre fairy tales and deconstructs its structure in the analyzed narrative, renewing and modernizing the genre. It is a study that takes as theoretical foundation works that discuss the genre fairy tale and the work of Ana Maria Machado, as well as on the narrative for children. The research is characterized, therefore, as a bibliographic basis and has as main studies the works of Abramovich (1997), Held (1980), Bettelheim (1978), among others. The analysis demonstrates that The Narrative of Ana Maria Machado takes up traditional characters from fairy tales, but placing them in new situations, thus deconstructing the plot structure of traditional tales, in which, for the most part, the prince and the

Princess get married and end up happily ever after. Therefore, we affirm that the author starts from a tradition (fairy tales) and, at the same time, renews its narrative, to the extent that it creates a new proposal to conduct its plot, thus justifying the title of its narrative: History half the contrary.

Keywords: Children's Narrative. Ana Maria Machado. Fairytale elements.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	A LITERATURA INFANTIL E OS CONTOS DE FADAS: história e situação atual	12
2.1	Sobre os Contos de fadas: algumas considerações	17
3	ANALISANDO A <i>HISTÓRIA MEIO AO CONTRÁRIO</i> , DE ANA MARIA ACHADO E IDENTIFICANDO AS MARCAS DOS CONTOS DE FADAS	24
3.1	Percorrendo o enredo da história	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva analisar a narrativa *História meio ao contrário* (1978), de Ana Maria Machado, procurando identificar as marcas dos contos de fadas presentes nessa narrativa. Para tanto, nos deteremos na abordagem do enredo da obra e caracterização dos seus principais personagens, sem os quais não seria possível perceber o desenvolvimento do enredo. Pretendemos desse modo, verificar de que maneira a autora retoma o gênero contos de fadas, desconstruindo sua estrutura na narrativa analisada e modernizando o gênero.

O interesse pela obra dessa autora surgiu ao longo do Curso de Letras, mais especificamente ao cursar o componente Literatura Infanto-Juvenil, oportunidade em que tivemos contato com a obra de Ana Maria Machado. Depois da leitura de *Bem do seu tamanho* (1980) e *Menina bonita do laço de fita* (1986), nos identificamos com o caráter emancipador que a menina mulher é retrata pela autora e, por isso, decidimos tomar um de suas narrativas para estudo, optando pelo livro *História meio ao contrário*, narrativa que compõe, portanto, o *corpus* analítico deste artigo. Vale informar que o livro foi lançado em 1978, mas a edição utilizada neste trabalho é a vigésima, de 1996.

Do ponto de vista de sua metodologia, o trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, uma vez que busca reunir informações e dados que servirão de base para a construção da fundamentação teórica do artigo e apoio metodológico para a análise da narrativa selecionada para estudo. Nesse sentido, foram fundamentais as leituras de Abramovich (1997), Held (1980), Bettelhim (2007), dentre outros autores voltados para a discussão sobre contos de fadas e narrativa infantil.

Quanto a sua estrutura, organizamos o artigo em três partes: na primeira, fazemos uma contextualização do surgimento da Literatura Infantil, indicando suas fontes iniciais e destacando seu papel na formação dos leitores; na segunda parte, expomos algumas definições de conto de fadas e apresentamos seus elementos caracterizadores, para, na terceira parte, analisarmos a narrativa *História Meio ao contrário*, procurando observar de que maneira a autora rompe com a estrutura dos contos de fadas tradicionais e a renova em sua narrativa.

A leitura em torno da narrativa de Ana Machado vem ampliar os estudos realizados a partir da obra da autora, que se destaca no cenário nacional pela maneira genuína com que aborda temas relacionados à infância, tratando com respeito e sensibilidade classes marginalizadas como a criança e a mulher, já que sua produção surge num período em que essas categorias ainda são socialmente excluídas. A mulher e a criança assumem um caráter emancipador que encanta tanto os jovens quanto os leitores em geral, possibilitando um debate atual e necessário em torno do lugar da mulher na sociedade, o qual, segundo a autora, não cabe à submissão. Temos, portanto, através de sua obra, suportes de leitura indispensáveis para o trabalho com crianças e jovens em sala de aula. Esperamos, então, que a leitura de trabalhos como este favoreça a divulgação da obra de Ana Maria Machado e suscite o interesse de professores em conhecer e explorar seus livros na escola.

2 A LITERATURA INFANTIL E OS CONTOS DE FADAS: história e situação atual

Segundo Aguiar (2001), a Literatura Infantil surge no final do século XVIII, na Europa, com a ascensão da burguesia, quando se dá o desenvolvimento econômico e “a consequente conquista de mais poder político” que resultaram numa nova ordem social e cultural, “em que os valores da classe emergente se impunham”. Logo, “passou-se a investir na educação como uma forma de prepará-lo para a vida adulta” (AGUIAR, 2001, p. 23).

Nesse contexto, a noção de infância começa a ser discutida, conforme identifica Cunha (2003 p.19). De acordo com essa autora, a Literatura Infantil surge:

Quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Cunha (2003, p. 19) ainda declara que há de se reconhecer ou distinguir dois tipos de crianças, observe:

[...] a criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares.

Essas lendas e contos folclóricos, portanto, compõem a gênese do que hoje chamamos de Literatura Infantil. Sendo assim, continuam sendo de fundamental importância a leitura dos tradicionais contos de Charles Perrault e os Irmãos Grimm, autores que vão compor essa gênese.

A infância surge com a ascensão da burguesia. Segundo Aguiar (2001, p. 23):

tornou-se, assim, a partir dessa época, o centro de atenções, e as novas instituições, como a escola moderna, não só divulgavam as ideias vigentes, mas também condicionavam a criança para desempenhar seu papel na sociedade. Nesse contexto, a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor sua ideologia.

Nesse sentido, podemos dizer que a Literatura Infantil assume um caráter moralizante, ou seja, adquire a função de ensinar ou transmitir lições de moral ou

regras de comportamento para os destinatários desta Literatura. Esse utilitarismo se manifesta até os anos 60 do século XX, quando começam a surgir autores que empreenderão uma nova maneira de conceber e fazer literatura para crianças, valorizando o lúdico que caracteriza essa fase do desenvolvimento humano. O moralismo desses textos dá lugar ao *non sense*, ao jogo com as palavras e a valorização da fantasia e do imaginário que tão bem define a infância.

Sobre o caráter didático que assumem os primeiros textos voltados para as crianças, Aguiar (2001, p. 24) afirma:

Os primórdios da literatura infantil são marcados pela intenção de formar a criança, de ensinar comportamentos e atitudes e de sedimentar uma ideologia. Durante muito tempo, as obras infantis serviram principalmente a esse propósito e aos poucos deixaram de lado o pedagogismo e o moralismo para conquistar seu status artístico.

Conforme declara a autora, verificamos que muitos textos destinados às crianças assumiam ou detinham um tom moralizador, se colocando ao serviço de uma pedagogia através da qual se buscava transmitir ensinamentos e comportamentos aos destinatários destes textos, nos quais prevalecia um tom autoritarista e uma imagem de infância em que a criança deveria assimilar as regras estabelecidas pelos adultos. Nessa perspectiva, a infância não era retratada naquilo que a definia e a criança não tinha seus interesses e gostos retratados nos textos.

Segundo Cunha (2003), em cada país, além dessa literatura tornada universal, vão aos poucos surgindo propostas diferentes de obras literárias infantis. Entre os autores mais importantes, não poderíamos deixar de mencionar Charles Perrault e os Irmãos Grimm, que estão inteiramente vinculados aos textos literários infantis e que tiveram seus contos publicados e adaptados por diversas vezes. Também temos outros autores muito importantes que contribuíram a gênese dessa literatura: Andersen, Carlo Collodi, Amicis, Lewis Carroll, J.M. Barrie, Mark Twain, Charles Dickens, entre outros.

No Brasil no século XIX, após a implantação da Imprensa Régia, começou a surgir os primeiros livros para crianças, ou seja, destinados ao público infantil, escritos e publicados por brasileiros. Essa necessidade foi vista a partir da ausência existente no nosso país de uma literatura específica para esse público. Como pioneiros dessas obras, Zilberman (2005) aponta Carl Jansen (1823-1829-1889),

que traduziu clássicos como *Robinson Crusóe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras de Celérrimo Barão de Munchhausen* (1891) e *D.Quixote de la Mancha* (1886). Temos ainda Figueiredo Pimentel (1869-1914), que publicou os *Contos da Carochinha* em 1894 e Olavo Bilac (1865-1918), que se destacam com a obra *Contos Pátrios*.

Existe uma unanimidade entre os críticos em geral de que coube ao escritor Monteiro Lobato a habilidade de captar o universo infantil e o transfigurar em suas obras. Lobato introduz seus personagens clássicos em *Reinações de Narizinho* em 1921, que inicialmente foi publicado com o título *A menina do narizinho arrebitado*. Ainda de acordo com Zilberman (2005), Lobato foi o conquistador dessa literatura infantil por fazer de suas obras verdadeiras viagens ao mundo da imaginação, utilizando-se de uma linguagem compreensível que dá vida real a uma boneca (Emília), bem como a um sabugo de milho (Visconde de Sabugosa) e a tantos outros personagens criados em seu universo literário dedicado ao público infantil.

Lobato continua sendo considerado um dos maiores escritores infantis e seu maior destaque foi publicar as narrativas situadas no sítio do pica pau amarelo. Sua obra dedicada a este público se compõe de 23 volumes. Segundo Cunha (2003, p. 24), em toda a obra de Lobato “observava-se o mesmo questionamento e inquietação intelectual, a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais”.

O autor aborda o contexto histórico e traz reflexões para a nossa realidade. Assim, Lobato expõe em suas obras problemas sociais, econômicos e políticos, fazendo dessas realidades verdadeiras viagens ao mundo da fantasia, buscando sempre trazer em suas obras o encanto pelas coisas simples e despertando na criança a sua inocência. É assim que o autor continua se destacando e sendo reconhecido até hoje como um dos grandes criadores das histórias infantis.

Na perspectiva de Aguiar (2005), a “Literatura Infantil são as histórias e os poemas que, ao longo do tempo, seduzem e cativam a criança”. A autora demonstra compreender o universo infantil e deixa claro que a Literatura que se volte para ela deve atender aos seus gostos e interesses, seduzindo-a. Não nos esqueçamos de que toda e qualquer Literatura só agrada quando nos vemos de alguma forma representada nela. Com o público infantil não é diferente: a criança precisa de alguma maneira se identificar com alguma experiência que traduza algum aspecto da sua vivência. Seguindo essa perspectiva, faz muito sentido a afirmação de

Meireles (1951) quando declara: “Literatura infantil é tudo o que escrevemos para crianças e que ela lê com utilidade e prazer” (*apud* AGUIAR, 2001, p. 17).

Sendo assim, podemos dizer que a boa Literatura acaba sempre provocando uma reflexão no leitor, seja criança ou adulto. O importante é que a obra contribua para a ampliação dos horizontes de expectativa do leitor, sobretudo o leitor em formação, que é o caso da criança ou o jovem adolescente. Eles precisam ser instigados e cativados pela leitura para que possam ir construindo um gosto e um interesse por essa atividade para que possam, conseqüentemente, formar sua história de leitura. Esta precisa ser tomada e abordada como uma atividade de prazer. Nesse aspecto, aliás, a escola há muito que melhorar e avançar.

Com efeito, outra afirmação que também não podemos deixar de comentar é quando Jesualdo (*apud* Aguiar 2001, p. 18) diz que há dois tipos de obras infantis:

as que pecam pela puerilidade e pelo tom moralizador com que se dirigem ao receptor e as que agregam novos aspectos do conhecimento, satisfazendo a necessidade de experiência do leitor e ampliando seu campo imaginativo.

O autor faz menção ao caráter didático que durante muito tempo perdurou na Literatura Infantil, quando os autores se utilizavam dos textos criados para as crianças e os tomavam como pretexto para querer ensinar regras e comportamentos morais, período em que podemos chamar de didatismo na Literatura Infantil. Nessa perspectiva, conforme já afirmamos anteriormente, predominava certo utilitarismo nos textos e sua função lúdica acaba ficando à margem. A partir dos anos 60 do século XX é que percebemos que esse didatismo vai sendo suplantado.

Bettelheim (*apud* Aguiar, 2001, p. 18) afirma que “a obra infantil é aquela que, enquanto diverte a criança, oferece esclarecimentos sobre ela mesma”. Desse modo, depreendemos o quanto a Literatura Infantil acaba assumindo uma grande importância na formação dos leitores, pois não significa apenas um meio de entretenimento, mas uma forma de construção social e instrumento de humanização do indivíduo, conforme aponta Candido em importante ensaio intitulado “A Literatura e a formação do homem” (1989, p. 43):

A literatura aparece claramente como manifestação de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela. Isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos

sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado.

A afirmação de Candido (1989) põe em evidência a necessidade que o homem tem de manter contato diariamente com o lúdico. A literatura se apresenta então como uma necessidade de todos, indistintamente, por isso deve se fazer presente no currículo escolar, espaço em que ela deve ser incentivada e trabalhada, principalmente porque muitos de nossos alunos não têm acesso a ela em suas casas, pois muitos são filhos de trabalhadores pobres, cuja condição financeira não permite o acesso a bens simbólicos como a Literatura.

No geral, a leitura literária tem sido trabalhada de forma insatisfatória em salas de aula, como ler para ganhar nota, ou seja, a leitura sendo tomada como uma atividade obrigatória e não por prazer. A leitura espontânea, pessoal e selecionada pelos jovens alunos do ensino fundamental é de suma importância para a formação do hábito de ler. No entanto, esse ato de ler precisa ser uma tarefa acessível, prazerosa e significativa para o aluno, pois:

(...) Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler na sala de aula: para uma grande maioria dos alunos a leitura é difícil demais justamente porque não faz sentido (KLEIMAN, 2004, p. 16).

Sendo assim, entendemos que a literatura precisa fazer sentido para os alunos, ou seja, os professores devem apresentá-la aos educandos fazendo uma ponte com o cotidiano de cada um, devendo existir também nas escolas, necessariamente, a abertura e oportunidade para que os educandos leiam livros de seu interesse. Especificamente no caso da Literatura Infantil, consideramos que esta precisa ser explorada de maneira sistemática no contexto escolar. Ou seja, a Literatura carece de uma abordagem que valorize o lúdico que a define e provoque o interesse dos alunos, pois só dessa maneira o aluno terá seu horizonte de expectativa ampliado.

Enfim, não adianta nem interessa uma abordagem que tome o texto como pretexto para o estudo de qualquer outro aspecto que não o próprio texto. Dessa forma não se forma leitores. É preciso mediar à leitura do texto com uma finalidade

definida: despertar a sensibilidade dos leitores. Do contrário, incorreremos no erro de afastar o leitor do texto e não aproximá-lo. Precisamos promover a interação do real com o imaginário, sem deixar de refletir a realidade que muitas vezes comparece transfigurada pelo olhar do escritor, promovendo o debate, a interação entre o texto e o leitor em formação. Enfim, o verdadeiro significado está em despertar no aluno o gosto pela leitura e a sensibilidade pela leitura dos textos literários.

2.1 Sobre os Contos de fadas: algumas considerações

A respeito dos contos de fadas, Abramovich (1997) afirma que estes já existiam desde o século IX (d.C.) e eram contados na China, percorrendo o mundo há milênios. Ao buscar definir esse tipo de narrativa, Abramovich (1997, p. 120) declara:

Os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre duma situação real, concreta, lindando com emoções que qualquer criança já viveu... Porque se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites de tempo e espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... Porque as personagens são simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde tem que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e achar junto uma resposta para o seu conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas... (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...

Observe que a definição de Abramovich aponta para um dos principais elementos caracterizadores dos Contos de fadas: a fantasia, sem deixar de mencionar aspectos da sua estrutura: “parte de uma situação real e lida sempre com as emoções das crianças”; outro aspecto importante que a autora aponta diz respeito à presença do imaginário, já que as histórias “se passam sempre fora dos limites de tempo e espaço”; temos ainda referência à caracterização dos personagens: estas são colocadas em “inúmeras situações diferentes”; por fim, consideramos importante ainda destacar a última afirmação de Abramovich: “Porque todo esse processo é vivido através da fantasia (...), com intervenção de entidades fantásticas... (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...)”.

Podemos dizer que no processo de construção desse imaginário, os reis e rainhas, príncipes e princesas, mesmo não sendo apontados por Abramovich, figuram também como elementos que povoam esse universo, fascinando os leitores mirins e possibilitando refletir sobre sua própria experiência, pois os contos de fadas em geral apresentam um conflito que busca ser enfrentado e resolvido. Esse conflito, por sua vez, quase sempre reflete o conflito enfrentado pelas crianças, que tendem a se identificar com as vivências dos personagens, tomando para si o drama vivenciado por eles, mergulhando no universo efabulado. Resolvido o conflito pelo personagem, o sentimento de felicidade que o toma tende a contagiar o leitor, emancipando-o. É nesse sentido que acreditamos na força do imaginário na formação dos leitores em formação.

Sobre a estrutura dos contos de fadas, Aguiar, que é citada por Abramovich (1997, p. 120), afirma que os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa, conforme identificamos a seguir:

[...] Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é a busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc.)

Vale destacar que essa estrutura se mantém até hoje e esta ligação do real com o imaginário estimula a atenção da criança: uma vez que ela ainda não consegue lidar com a realidade de forma razoável, esta abraça a fantasia, fugindo um pouco da realidade e buscando viver o “real” do mundo da imaginação. Talvez por isso Bettelheim (1978, apud AGUIAR, 2001, p.77) afirme que “os contos de fadas incentivam a criança a desenvolver a imaginação e organizam a realidade através da fantasia”.

Com base no que afirma o crítico, podemos dizer que os contos de fadas ajudam a criança a atender uma necessidade própria dela, buscando através da fantasia criar o seu próprio mundo, visto que a criança compreende a vida através da imaginação. Seguindo a perspectiva de Aguiar (2001, p. 78), vimos que, no geral, os contos de fadas, sem deixar de apresentar uma temática humana complexa, “possuem uma forma e uma estrutura tão simples que a criança consegue não só

acompanhar o enredo, mas também viver a história junto com as personagens”, afinal, conforme observa Jesualdo (*apud* Aguiar, 2001, p. 83):

A imaginação é um aspecto essencial da mente da criança, e é através dela que sua consciência elabora, num primeiro momento, os dados da realidade circundante: imaginando, o leitor forma novas combinações, joga com objetos e pessoas, faz transferências de características, cria situações e explica o mundo ao saber de sua mente fantasiosa.

O encantamento provocado pelo mergulho no universo fantasioso dos contos de fadas aguça a imaginação da criança, que vê na experiência narrada uma oportunidade de enfrentar seus medos, seus anseios, seus sonhos e desafios de sua existência. É nesse sentido que podemos dizer que a leitura dos contos de fadas contribui para a formação do leitor. Ou seja, por meio dos contos de fadas cresce na criança o desejo pelos sonhos: uma vez que seus enredos tendem a um final feliz, a mente da criança também desperta esse desejo, pois sua mente funciona e trabalha justamente no fantasioso, afinal, a criança, conforme observa Held (1980, p. 45): “prolonga uma visão animista do mundo, que certamente existiu, mas que se torna então, conforme o caso, proteção, refúgio contra as exigências externas que atrapalham ou meio de se distrair quando se aborrece”.

Considerando as palavras da autora, podemos reafirmar, portanto, que a criança aprende e apreende o mundo a partir da fantasia, numa perspectiva lúdica, talvez por isso o imaginário dos contos de fadas possibilite a identificação da criança com o mundo criado nessas narrativas. Desse modo, a Literatura Infantil acaba sendo uma forma de refúgio das pressões externas de determinadas situações com as quais a criança se depara.

De maneira mais precisa, Calado (2005, p. 27) afirma que o termo contos de fadas surgiu na França, mais especificamente no final do século XII:

As obras de Madamed`Aulnoy e Madame de Murat, ambas intituladas *Contes fees*, publicadas em 1696 e 1698, firmaram a expressão. Apesar da ausência das fadas em grande parte dos contos, a expressão se consagrou – não se deve esquecer que a menção às fadas remete à dimensão de encantamento tão característica destes contos.

A autora ainda declara que a maior parte dos escritores dos contos de fadas são mulheres, dentre as quais se destacam Mademoiselle L Hérítter, Madame d'Aulnoy, Madame de Murat, Madame de Villeneuve, Madame Leprince de Beaumont, mas atribui-se a Charles Perrault “a introdução dos contos de fadas como gênero literário”. Ainda segundo Calado (2005, p.27):

Entre outras causas, pelo fácil acesso que tinha esse autor em divulgar sua produção na corte do rei Sol, assim como pelo estilo mais ‘simples’, menos rebuscado que adotou nas suas versões, diretamente dos escritos requintados de seus colegas.

Ao definir o gênero em questão, Gillig (1999, p. 26) declara:

Contos, narrativas míticas, fábulas e lendas têm em comum o fato de constituírem uma narrativa escrita ou falada na qual a maioria dos personagens possui uma natureza ao mesmo tempo humana e sobre-humana, agindo em acontecimentos e num meio ao mesmo tempo reais e super-reais, numa fusão total da narrativa.

A afirmação de Gillig deixa claro que esse tipo de narrativa funde tempo real e supra-real. Ou seja, misturam realidade e ficção. Melhor dizendo, funde realidade e fantasia e esta fantasia é revelada através dos personagens que acabam representando os desejos, os sonhos e as emoções das crianças em geral, além de manifestar a super-realidade a que se refere Gillig.

Por isso os contos têm um grande significado psicológico para as crianças, tanto meninas quanto meninos, independentemente da idade e sexo do herói da história, conforme observa Bettelheim (2007, p. 18). Segundo o crítico, através da leitura dos contos de fadas: “[...] obtém-se um significado pessoal rico das estórias de fadas porque elas facilitam mudanças na identificação, já que a criança lida com diferentes problemas, um de cada vez”.

Sendo assim, podemos dizer que muitos dos problemas enfrentados pelos personagens dos contos de fadas coincidem com os problemas vivenciados pelos leitores dessas narrativas, daí a identificação das crianças em relação a essas histórias, as quais acabam contribuindo para o despertar das próprias emoções, para o enfrentamento de seus medos, problemas e desafios.

Ainda de acordo com Calado (2005, p.87):

Os reinos, os animais inteligentes, a floresta, a torre, o castelo, o moleiro, o lenhador, a fiandeira, o alfaiate, a bruxa: elementos muito próprios da cultura europeia que fora retomados com sucesso pelos Irmãos Grimm, consciente e/ou inconscientemente, utilizaram esses elementos para facilitar a comunicação entre narrador e receptor, e, dessa maneira, transmitir mais eficazmente as mensagens que desejam que o público assimilasse.

Os elementos apontados acima acabam sendo recorrentes na obra de muitos outros autores, inclusive brasileiros, que ampliam esse leque, na medida em que valorizam em suas narrativas elementos do imaginário brasileiro. O fato é que diante de uma boneca que fala, assim como um sabugo de milho, um saci Pererê, as crianças tendem a se encantar diante do caráter simbólico que estes personagens assumem, encantando-as e cativando-as, além de conduzi-las ao universo da fantasia, neste caso, em particular, no universo lúdico do Monteiro Lobato. Assimilando a vida dos personagens e a sua própria vida e despertando de maneira gradativa sua imaginação e assumindo como “verdadeiro” aquilo que podemos chamar de simbólico e de imaginativo, as crianças se deixam conduzir e viajar nesse universo tão encantador e rico que é o texto literário infantil.

Segundo Calado (2005, p.88), os contos tomam forma “a partir do contexto dos seus inúmeros narradores: os contornos, as situações, os personagens, as intrigas, as recompensas, os desfechos, os sonhos presentes nas narrativas das fontes inspiradoras, ‘concretas ou imaginadas’”. O conto de fadas caminha entre a realidade concreta e a imaginação, é o que sugere a autora, representando, assim, situações reais ou imaginárias que tendem a aguçar a imaginação dos leitores, os quais podem ser emancipados com suas leituras.

Para tanto, os alunos precisam ser ouvidos, conforme orienta Serra (2002, p. 75): “ouvir os alunos, refletir, atender a seus desejos, interesses e expectativas, abrir o leque de opções, já me parece uma boa perspectiva [...]. É preciso proporcionar situações para que os alunos opinem, escolham, selecionem...”.

Deixar que os alunos escolham, selecionem, essa é a sugestão da autora. Mas a realidade de leitura da maioria de nossos alunos está muito distante disso. Se lê muito pouco na escola e se lê mais por obrigação do que por prazer. A atividade de leitura em si acaba quase sempre sendo encarada como uma atividade sem graça. Acreditamos que a sala de aula carece do lúdico, da fantasia e da imaginação

que o próprio texto literário proporciona através da linguagem simbólica dos textos que compõe a Literatura Infantil.

A leitura precisa ocupar um lugar mais significativo na experiência dos professores. Estes, por sua vez, precisam ser motivados, demonstrar interesse por essa atividade e ler em sala, demonstrando para os alunos que é um defensor dessa habilidade, enfim, deixar fluir a magia que a leitura proporciona. É preciso tomar consciência de que a Literatura Infantil tem um papel preponderante na formação das crianças e jovens e que sua abordagem na escola precisa se dá de uma forma lúdica e prazerosa, estimulando, assim, o gosto e o interesse pelo ato de ler. Especificamente, em relação aos contos de fadas, vale lembrar o que diz Abramovich (1997, p. 138) sobre estes: a “fantasia é uma das formas de ler, de perceber, de detalhar, de raciocinar, de sentir...”.

A afirmação da autora põe em evidência a importância dos contos de fadas na formação do leitor. Em contato com as narrativas tradicionais que compõem os contos de fadas, as crianças têm a oportunidade, mesmo partindo de uma experiência ficcional, encarar seus medos e vencer os desafios que a vida oferece. Como pudemos observar, é a partir dessa perspectiva que Bettlheim defende a relevância dessas narrativas no desenvolvimento infantil. Convicta disso, Abramovich (1997, p. 17) declara:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

O contato com o imaginário tem uma função essencial na formação das crianças. Além de favorecer a inventividade infantil e a fantasia, a criatividade e o prazer da leitura, os contos de fadas motivam a criança, pois de acordo com Cashadan (2000, p. 99):

Durante o processo de crescimento, as crianças descobrem que o mundo é cheio de maravilhas, e que precisam aprender a ficar atentas a elas, de modo a evitar maiores desastres. Além de todas as outras coisas que representam, os contos de fada dão às crianças a oportunidade de praticar a solução de problemas. Os dilemas enfrentados pelos heróis ou heroína ensinam às crianças que elas podem ser bem-sucedidas no mundo, se utilizarem seus recursos internos.

De tudo o que foi dito em torno da importância dos contos de fadas, podemos ainda afirmar que as narrativas colaboram decisivamente para o desenvolvimento da identidade infantil, ajudando a criança a compreender e entender a sua realidade, oferecendo estruturas sociais e formas de comportamentos que facilitam a compreensão da vida. Vejamos a seguir, de que maneira a narrativa de Ana Maria Machado retoma a estrutura dos contos de fadas, renovando essa forma narrativa.

3 ANALISANDO A *HISTÓRIA MEIO AO CONTRÁRIO*, DE ANA MARIA ACHADO E IDENTIFICANDO AS MARCAS DOS CONTOS DE FADAS

3.1 Percorrendo o enredo da história

A narrativa *História meio ao contrário* conta a história de um rei e uma rainha que se casaram e tiveram uma filha linda como um raio de sol e foram felizes para sempre. “Para casar com a rainha, o rei teve que enfrentar mil perigos, derrotar monstros, sido ajudado por uma fada, tudo aquilo que a gente conhece das histórias antigas...” (MACHADO, 1996, p. 06).

Como podemos observar, o enredo se desenvolve através da história desse rei e sua família, que vivia feliz para sempre, nada atrapalhava a tranquilidade deles, pois tinham muita sorte e esperteza, além disso, a sorte era que eles e a filha tinham saúde e gostavam muito um do outro. A esperteza era que toda vez que aconteciam problemas e aborrecimentos eles procuravam resolver, mas não achavam que eram infelizes, veja: “O rei dizia sempre: - Estou preocupado, mas isso passa. Ainda bem que eu sou feliz”. (MACHADO, 1996, p. 06). E realmente logo passava, pois nada conseguiu tirar sua maneira de ser, que era de ser feliz.

Certo dia, o rei que passeava pelas muralhas do seu castelo, contemplando todas as belezas do seu reino, desfrutando do dia e encantado pela beleza do sol, ouvia o som dos pássaros e observava tudo que acontecia durante aquela tarde maravilhosa, fascinado com tudo o que via, afinal era tudo novo e muito lindo para ele, o rei e a família real não tinham conhecimento de todas as coisas que aconteciam durante o dia, sempre estava dentro do castelo.

Um belo dia, o rei, que vivia sempre feliz, estava em seu castelo passeando e contemplando a aldeia e os campos de seus súbitos pensando: “- Que dia lindo! Está mesmo uma tarde maravilhosa, com um sol tão bonito... Acho que hoje vou ficar mais tempo aqui fora vendo o dia”. (MACHADO, 1996, p.08)

E assim o rei foi ficando, encantado com tudo que ia acontecendo durante a tarde e todas as belezas do dia, até que o criado chegou e trouxe o recado da sua rainha: - Majestade, Dona Rainha está te chamando. Disse para Vossa Majestade vir logo tomar seu real banho, que a real banheira já está cheia e a real água vai acabar esfriando. (MACHADO, 1996, p. 08).

O rei, que estava desfrutando das belezas do dia, vendo o sol se pondo e sentindo a brisa do fim da tarde, logo tratou de ficar mais um pouquinho: “- Diga a Rainha que não estou com vontade de tomar banho”. (MACHADO, 1996, p. 08). E continuou a contemplar a tarde e vendo as mudanças que acontecia durante o dia: “o céu estava ficando cor - de rosa, avermelhado, laranja, arroxeadado... Tudo ia mudando. As nuvens de um dourado brilhante (MACHADO, 1996, p.. 08). Era realmente uma tarde deslumbrante, fascinante.

Enquanto isso, dentro do Castelo, a rainha e a princesinha, estão sentadas “à real mesa”, com um lindo banquete, todo iluminado e com reais músicos tocando belas melodias. Quando de repente, se ouvia os gritos do rei, um verdadeiro escândalo. “- Socorro! Acudam! Ladrões! Bandidos! Facínoras! Biltres! (MACHADO, 1996, p.10). O rei, enlouquecido, continuava a gritar e logo mandou fechar todo o reino, pois queria de imediato que o ladrão fosse preso. E foi uma correria só: “- ouviam-se toques de clarim convocando soldados, barulho de passos de gente correndo, relinchos de cavalos pátio...” (MACHADO, 1996, p. 10).

Em meio a tanta confusão se ouvia a voz calma da rainha, que ainda sem entender nada perguntava: “- Majestadinha do meu coração, conta para mim, conta... Que foi que aconteceu, meu real amor?” (MACHADO, 1996, p. 12). O rei, que tão furioso estava, conseguir falar: “- Uma coisa horrível! Roubaram o dia!”.

Dito isso, fez-se um enorme silêncio. A rainha e a princesa não conseguiam acreditar no que ouvia, logo foi ver de perto o que estava acontecendo, e chegando a real varanda vira que era verdade, o dia tinha desaparecido, tudo tinha sumido: os jardins, a aldeia, os campos tudo, absolutamente tudo tinha desaparecido. A princesinha choramingava muito. Mas logo a rainha consolava sua filha: “-Mas não tenha medo filhinha. Seu pai vai dar um jeito.” (MACHADO, 1996, p.12).

Sabendo que o rei logo ia resolver o problema, a rainha e a princesinha trataram de se acalmar, voltaram para dentro do castelo e ficaram perto do rei, que já estava tomando as reais providências. O rei mandou chamar seu primeiro-ministro e logo cuidou de contar tudo o que estava acontecendo, ou seja, que o dia tinha sido roubado. O primeiro-ministro, que já sabia de tudo (não era mais novidade para ele o desaparecimento do dia, pois isso acontecia todos os dias e toda a aldeia sabia. As únicas pessoas que não sabiam eram o rei, a rainha e a princesinha, uma vez que sempre estavam dentro do castelo quando isso acontecia), disse: “-

Majestade, permita-me dizer que o problema não é novo. Esse mistério se repete com desagradável insistência. Para falar a verdade, acontece todos os dias... (MACHADO, 1996, p.14).

O rei indignado responde: “Foi hoje, agora, eu acabo de ver.” (MACHADO, 1996, p. 14). E o primeiro - ministro volta a explicar que isso já acontece há muito tempo, que não é mais nenhuma novidade. Mas o rei, inconformado, não aceitava que só ele e sua família não sabiam do tamanho problema que seu reino sofria. Por isso, o primeiro- ministro diz Machado (1996, p.15):

-É que vossa Majestade é um homem tão feliz para sempre e ninguém quis incomodá-lo com essas coisas. Afinal de contas, para que aborrecer Vossa Majestade? Vossa Majestade e a real família sempre estavam dentro do castelo quando isso acontecia. Com todas as luzes acesas, nunca reparam que estava escuro lá fora. Com todos os reais músicos tocando, nunca sentiram a mudança do canto dos pássaros pelo dos grilos.

Depois de explicar tudo ao rei, o primeiro-ministro foi se preparando para sair, mas o rei não deixou e voltou novamente ao assunto, indignado porque ele não sabia do acontecimento, e o primeiro-ministro, que era um homem muito paciente, voltou a explicar que “o povo não queria aborrecer vossa Majestade, que é um homem feliz para sempre” (MACHADO, 1996, p.16). O rei então diz: - Ah isso é problema do povo? O povo sabe do desaparecimento do dia?”.

Diante disso, ordenou que acordasse todo o povo imediatamente, pois queria logo resolver essa situação. O primeiro-ministro então falou: “-Majestade, o povo não é uma pessoa que a gente possa acordar assim”. O rei disse: “-Então grita no ouvido dele, liga um despertador, joga água, faz qualquer coisa. Mas diga ao povo para acordar, pular da cama, caçar os sapatos e vir correndo para cá falar comigo” (MACHADO, 1996, p.17). E o primeiro - ministro explica mais uma vez:

-Majestade o povo não é uma pessoa, porque são muitas.
 -Como assim? Diz o rei.
 -O senhor sabe p que é um exército, não sabe?
 Não é uma pessoa. São todos os soldados juntos.
 Ninguém dá uma cutucada no ombro do exército, no é mesmo? Nem no povo...

O rei logo entendeu, mas queria urgentemente resolver todo aquele problema. Então o primeiro-ministro teve a ideia de chamar todos que estavam no castelo: os cozinheiros, as arrumadeiras, os mensageiros, os arautos, os jardineiros, todo pessoal das cavalaria, enfim a “criadagem inteira”. Feito isso, o rei, espantado com a multidão, começou a contar toda a história que já sabemos - o desaparecimento do dia. Perguntava ao povo quem era o ladrão do dia, mas ninguém falava alto, e continuava insistindo, afinal queria o nome do ladrão do dia. De repente todos se calaram, ninguém falou nada. O rei ficou muito furioso e gritava: “-Então vocês sabem quem é o ladrão e não querem me dizer ? Eu sou o rei de vocês! O rei! O rei!” (MACHADO, 1996, p. 18).

O primeiro-ministro, tentando acamá-lo, trouxe um soldado que trazia a explicação tão esperada pelo rei: “- Majestade, a culpa é de um monstro terrível que assola nosso reino. Um tremendo Dragão Negro, Machado (1996, p.20)::

É um Dragão enorme, maior que a aldeia, o vale e este castelo real. Diariamente ele chega de mansinho e rouba o dia por um tempão, até a hora em que se cansa dele e deixa o sol voltar de novo [...]. É imenso, todo preto e escuro. Solta pelas narinas uma espécie de fumaça gelada parecida com nuvens e que fica assentada no fundo do vale até que o sol a desmanche de manhã. Quando abre boca lança fagulhas pequenas que não desaparecem enquanto o dia não volta, ficam brilhando e cintilando na escuridão [...]

O rei muito espantado ficou com todas as descrições dadas pelo ministro. A princesinha suspirou dizendo: “Deve ser lindo!” Mas o primeiro-ministro acrescentou:

-Mas o pior, Majestade, é o olho do monstro.
 -Os olhos, você quer dizer- Corrigiu o Rei.
 -Não Majestade, o olho mesmo. O Dragão Negro que rouba o sol tem um olho só, bem grande.
 É um olho que vai diminuindo, diminuindo um pouquinho cada dia de escuridão e, quando a gente pensa que no dia seguinte ele vai desaparecer todo de uma vez, nada disso, começa a aumentar até ficar redondo de novo. E fica sempre assim, mudando, enchendo e esvaziando uma vez por mês, com uma luz branquela que não esquenta nada e nem ilumina muito. (MACHADO, 1996, p.21)

Diante de todas as explicações do ministro, o rei logo tratou de arrumar uma solução, ou melhor, arrumar alguém que tivesse essa solução. E ordenou que o monstro fosse morto, mas isso era algo que não se sabia, afinal ordenar a quem?

Então o primeiro-ministro fez a seguinte pergunta a seu rei: “-Majestade, minha única dúvida é a seguinte: onde encontraremos alguém a altura de honrar, de cumprir vossa real ordem?” (MACHADO, 1996, p.22).

Mas o rei, com toda sua esperteza e experiência, já devia ter conhecido muitas histórias de reis, princesas e dragões, ordenou que os arautos fossem anunciar a todo o povo que aquele que conseguisse matar o dragão negro teria a mão de sua filha em casamento. E no dia seguinte surgia por todo o povoado a notícia enviada pelo rei. Logo começaram os boatos, que viraram o assunto de toda a aldeia:

-Eu é que não queria ter que casar com um desconhecido só porque ele é bom de briga... –disse a pastora.
 -É, mas não vai aparecer ninguém - garantiu a Tecelã -Precisa muita coragem.
 -É preciso... –concordou o Ferreiro. (pag.24)

E continuaram durante muito tempo falando do assunto. Em seguida cada uma foi para suas casas. Mas para a surpresa de todos, no dia seguinte, surge um príncipe encantador, gentil e muito simpático que vinha de terras muito distantes para se apresentar ao castelo, pois tinha ficado sabendo da notícia espalhada pelo rei.

-Só para casar com a princesa? - ela foi logo perguntando.
 Ele sorriu um sorriso bonito e explicou:
 -Nada disso. O principal é não ficar parado.
 Não tenho nada para fazer o dia inteiro, tudo o que eu quero alguém faz para mim. E eu adoro me movimentar, andar de cavalo, enfrentar desafios. [...] Quando soube desse mostro, logo achei que ia ser uma aventura maravilhosa. (MACHADO, 1996, p.24-25).

A pastora achava aquilo tudo uma grande bobagem, mas foi logo correndo contar a todos que sempre se reuniam no centro da aldeia, onde todos costumavam almoçar juntos. Logo, surgiu uma grande preocupação do povo da aldeia, afinal de contas o grande Dragão era amigo de todo o povoado. E de imediato começaram a pensar no que poderiam fazer para salvar o amigo do príncipe encantador, pois o dragão negro ajuda o povo roubando o dia, só assim eles podiam descansar depois de um longo dia de trabalho, com a chegada da noite.

Dizia o Ferreiro: - Se ele não carregasse o sol todo dia, garanto que nós íamos ter que trabalhar sem parar, sem pode ir dormir, sem descansar...

-E se ele não esfriasse os montes e não trouxesse a neblina para o vale, os carneirinhos não iam precisar se esquentar e não iam ter tanta lã, lembrou a Pastora.

-E se não ninasse as plantas e o dia ficasse fazendo sol o tempo todo, as colheitas acabariam secas e queimadas, ninguém ia ter o que comer- concordou o Camponês. (MACHADO, 1996, p.25).

Assim, começou a preocupação de todos, mas a pastora logo teve uma ideia, lembrou que lá nos montes vivia um gigante e logo pensou em pedir ajuda. Mas existia um problema, o gigante vivia sempre dormindo, daria um trabalhão para acordá-lo. A Pastora, porém, não desistia, pois era uma moça muito decidida e não deixava no meio do caminho algo que se pretendia a fazer. Foi assim que ela insistia em ir conversar com o gigante, pois só ele poderia ajudá-los, afinal, já estava ali muito antes de todos:

A Tecelã que era muito caseira quis discordar um pouco:

-Mas quem vai ficar fazendo nosso trabalho?

O Ferreiro resolveu a questão:

-Hoje nosso trabalho é outro. Tão importante como o trabalho de todo dia. Não faz mal parar de trabalhar aqui uma tarde porque é para ajudar toda a vida da gente. (MACHADO, 1996, p.27)

Assim, todo o povo da aldeia saiu à procura do gigante e em busca de uma solução para salvar o seu amigo, que era o dragão. Chegando lá, todos juntos começaram a gritar tentando acordar o gigante do seu sono profundo.

-Acorda! Acorda! Acorda! Gritavam todos.

O gigante acabou perguntando:

- Que corda é essa que vocês tanto pedem?

Explicava o carpinteiro:

Não é corda nenhuma...

Continuava o Ferreiro:

Não é corda de pegar, de enrolar, de dar, não é corda. É acorda seu Gigante. Se o senhor não acordar logo, é capaz de daqui a poço ninguém mais poder dormir em paz. (MACHADO, 1996, p. 28)

Foi aí que o gigante logo acordou e pediu que explicassem o que estava acontecendo e começaram a contar toda a história. Em seguida, o gigante falou: “- Vamos dar um jeito nisso. Vocês fizeram bem em vir me procurar. Vamos defender o

Dragão Negro e seu olho de luar. Do meu corpo de terra tudo vai brotar. No trabalho de vocês, tudo vai continuar.” (MACHADO, 1996, p.30).

O gigante suou orvalho que evaporou para virar nuvens. E as nuvens choveram água no alto dos montes para engrossar os riachos. E as sementes que os homens plantaram viraram grama e capim, espinhos e mato, árvores e cipós. E toda a mata produziu flores e frutos que atraíram insetos e passarinhos que atraíram passarões e animais de pêlo. (MACHADO, 1996, p. 30).

Tudo isso foi muito rápido para o gigante. Logo, tudo estava pronto e perfeito para impedir a passagem do príncipe encantador. Assim, a Pastora e mais alguns amigos ficaram para ver se o plano ia mesmo funcionar. Chegando a noite, o dragão negro também chegou, soltando suas fagulhas que se espalhavam por todas as partes, e lá de longe se ouvia o galope de um cavalo que era o príncipe encantador e valente chegando, ele vinha com toda sua coragem e disposto a derrotar o dragão. Vinha com sua lança, sua espada, seu escudo, com sua armadura, elmo e tudo que um príncipe de verdade trazia para suas batalhas. Mas, diante de tudo o que o gigante juntamente com o povo tinha espalhado por todo o caminho, começou a dificultar sua passagem. Porém, o príncipe, que era muito corajoso, não desistia. Até que o dragão, percebendo a insistência do príncipe valente, teve uma ideia, começou a soltar fogo dos raios em cima do príncipe. Admirado com a coragem do príncipe, falou: “Agora você vai ver!”.

Foi aí que ele viu o príncipe e este viu uma moça: era a pastora que tinha ficado para ver o que ia acontecer. O príncipe logo que a viu entre as árvores, pela luz do olhar do Dragão, lembrou que pela manhã tinha lhe encontrado na aldeia e logo percebeu o quanto a pastora era bonita. Talvez pela manhã não tivesse dado tempo ver direitinho, pois vinha muito entusiasmado com a história do dragão. Percebendo a beleza da pastora, o príncipe logo perdeu a vontade de derrotar o dragão negro e de casar com a princesa. Ficou parado, olhando a pastora. Ela olhou firme e perguntou: “-Vossa Alteza não está bem?” E ele responde: “-Nunca me senti melhor em minha vida. A não ser por esta droga de armadura toda molhada”. (MACHADO, 1996, p.34)

A pastora sugeriu que o príncipe tirasse a armadura, e o jovem respondeu que precisava terminar o que havia começado ao que ela não aceitava: “Para que? Para

casar com a princesa e viver feliz para sempre? Para ter sempre um sol eterno? -Para cumprir minha missão e terminar o que comecei- Respondeu o príncipe”. (MACHADO, 1996, p.36). Mas no fundo o príncipe se questionava e pensava que não queria essas coisas eternas. E enquanto a conversa dos dois fluía, o Dragão Negro foi adormecendo, fechando os olhos e desaparecendo e logo o dia apareceu novamente. Assim, de repente, o rei aparece aos gritos, enlouquecido, mas, dessa vez, dizia que tinham “roubado o sol branco e frio que brilhava na escuridão!”

Logo, o rei, que tinha ficado a noite inteira acordado vendo o combate, pôde perceber que isso acontecia todos os dias, que era algo natural e que não precisava mais matar o Dragão Negro. Por fim, acalmou-se, mas continuou com a promessa que tinha feito de casar sua filha a quem se dispusesse a enfrentar o dragão. E assim ordenou: “não precisa mais matar o Dragão”. Foi um alívio geral. Então o rei completou, para o príncipe. “-Mas pode ficar tranquilo. Mantenho minha promessa e lhe dou a mão da minha princesa em casamento” (MACHADO, 1996, p. 37).

Para a surpresa de todos, a princesa não aceitou e se recusou a casar com o príncipe encantador: “-Meu real pai, peço desculpas. Mas se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser. (MACHADO, 1996, p.37). A confusão foi grande: o rei ficou indignado e a rainha, que não conseguia aceitar a decisão da filha, explica: “Todas as princesas de histórias casam com os príncipes que vencem os dragões e os gigantes. E que os dois vivem felizes para sempre. (MACHADO, 1996 p.38)

Mas de nada adiantava, a princesa, que demonstrava diferentes comportamentos da vida moderna, que fez o uso totalmente diferente das princesas tradicionais dos contos de fadas, priorizando seus desejos, escolheu por ela mesma seguir seu próprio destino, dando a si a oportunidade de sair de casa, conhecer o mundo e estudar. No dia seguinte, a princesinha logo começou sua viagem e foi em busca de conhecer e viver tudo o que ela ainda não tinha vivido conhecer novos reinos e novas pessoas. Sabe como essa história termina? A pastora, uma moça muito bonita e corajosa, casou-se com o príncipe valente, que logo abandonou sua vida de príncipe e passou a viver uma vida simples e humilde, diferente de tudo o que vivia, passando a ser vaqueiro, e, desse modo, a pastora não precisava chamá-lo de vossa Alteza: “A Pastora casou com o vaqueiro. E o príncipe era uma vez...”. Vislumbra-se, portanto, outra perspectiva no comportamento do príncipe, que, tradicionalmente, se casa com a princesa.

3.2 Identificando as marcas dos contos de fadas na narrativa *História meio ao contrário*

De um modo geral, as narrativas tradicionais, especificamente os contos de fadas, costumam ser iniciadas com o famoso “Era uma vez...”. Na *História ao contrário*, de Ana Maria Machado, conforme sugere o título, temos a história de um rei e uma rainha que se casaram e tiveram uma filha linda como um raio de sol e foram felizes para sempre. Ou seja, a história começa pelo fim e o seu término, como vimos no tópico anterior, é concluído da seguinte maneira: a “[...] pastora casou com o vaqueiro. E o príncipe era uma vez...”.

Temos, assim, uma inversão no desfecho dessa narrativa, que pode ser qualificada como tradicional, uma vez que parte de um enredo que envolve rei, rainha, príncipe e princesa, incorporando, assim, elementos dos contos de fadas, mas, ao mesmo tempo, se moderniza, pois rompe com o modo tradicional de iniciar esse tipo de narrativa. Como vimos, a história começa pelo fim e o seu fim termina com a retomada do tradicional “Era uma vez...”. Entendemos esse final como um indício do quanto a autora consegue valorizar a imaginação dos seus leitores, sugerindo ou colocando uma nova possibilidade de criação de uma nova história, dessa vez, criada pela imaginação do leitor.

Como vimos no início do trabalho, Abramovich (1997) afirma que o desenvolvimento dos contos de fadas consiste na busca por soluções, no plano da fantasia, para os problemas apresentados no início do seu enredo. Para isso, são introduzidos elementos mágicos como fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes e outros seres. No caso da história de Ana Maria Machado, identificamos a presença do gigante, que se apresenta como um personagem fundamental na trama, pois acaba resolvendo o conflito criado pelo rei e desvendando o mistério representado pelo Dragão Negro. Este, por sua vez, figura como um personagem que representa de maneira expressiva a fantasia criada pela autora que coloca em discussão o comportamento alheio do rei frente ao seu reinado. Na verdade, este personagem aparece descrito na narrativa com uma postura muito diferente dos reis tradicionais dos contos de fadas, insinuando-se, desse modo, um tom debochado com que o narrador retrata o rei. O dragão negro constitui uma metáfora para os fenômenos da

natureza que o personagem personifica, sendo, inclusive, um grande amigo do povo e toda a aldeia, pois é por meio dele que o povo pode descansar e desenvolver bem o seu trabalho.

O Camponês disse:

É agora vamos mesmo ter que fazer alguma coisa para defender o Dragão. Afinal, ele é amigo da gente... - Isso mesmo! - apoiou o Ferreiro. – Se ele não carregasse o sol todo o dia, garanto que nós íamos ter que trabalhar sem parar, sem poder ir dormir, sem descansar. (MACHADO, 1996, p.25)

Ainda com relação ao gigante, vale a pena comentar que este comparece no enredo de Ana Maria Machado como uma figura do bem, quando o comum nos contos de fadas tradicionais é representar o mal, provocando medo e terror. Aqui, no entanto, sua função na história, como vimos, é contrária, confirmando-se, desse modo, o título da narrativa. Temos, assim, outro indício de que a autora retoma um elemento típico dos contos de fadas tradicionais e o renova, na medida em que o reveste de uma outra postura, outro comportamento, contrário a sua caracterização tradicional.

Nesta perspectiva, vale a pena lembrar que biblicamente o gigante é tido como personagem do mal, ou a figura que simboliza um monstro, conforme se verifica no livro de I Samuel, capítulo 17, versículos 1 - 58, em que o rei Davi, tido como o salvador e personagem que representa o bem derrota o gigante Golias, que se caracteriza como uma figura do mau. Ou seja, assim como na maioria dos contos de fadas, o gigante sempre está associado ao lado maléfico e problemático. Entretanto, na narrativa de Ana Maria Machado acontece o oposto, uma vez que é o próprio gigante o personagem que traz a solução para o problema que atormenta o povo:

Parou um pouco, bocejou de novo e continuou:

-Vamos dar um jeito nisso. Vocês fizeram bem em vir me procurar. Vamos defender o Dragão Negro e seu olho de luar. Do meu corpo de terra tudo vai brotar. No trabalho de vocês, tudo vai continuar. (MACHADO, 1996, p.30)

Não podemos deixar de destacar também a presença de outros elementos genuinamente típicos dos contos de fadas que comparecem na *história meio ao contrario* em análise: tratam-se do rei, da rainha e, por extensão, do príncipe e da

princesa. Estes também acabam sendo fundamentais para mostrar a quebra da tradição que a autora propõe ao longo do seu enredo.

O rei é caracterizado na história como uma autoridade desatenta aos problemas do seu reino, uma vez que o narrador o trata com ironia, descrevendo o seu comportamento de maneira ridicularizada. Observamos que todos os objetos do rei são introduzidos pela expressão “real”: “real castelo”, “real mesa”, “real sala” e assim por diante. Além disso, o rei vive enclausurado, indiferente aos problemas da sua população, sem saber sequer, que o dia é substituído pela noite, o que sugere a sua ignorância e consequente ridicularização:

...De repente, o rei entrou aos gritos, fazendo um escândalo real:
 Socorro! Acudam! Ladrões! Bandidos! Facínoras! Biltres!
 Enlouquecido, o rei ordenou:
 -Fechem todas as saídas! Ponham barreiras em todas as estradas!
 Cerquem o reino inteiro! Revistem todas as casas, vasculhem todos os cantos! Exijo que os ladrões sejam presos!
 -Uma coisa horrível! Roubaram o dia! (MACHADO, 1996, p. 10-12).

Observe que até o escândalo do rei é qualificado pela autora como “real”, expressão que é repetida ao longo do enredo para caracterizar as ações do rei, numa demonstração de sua ignorância e alheamento diante de seu povo e sua aldeia, vivendo exclusivamente em seu castelo, ou seja, entregue aos seus interesses e satisfação pessoal, comportamento, inclusive, muito próximo de líderes políticos que atuam visando exclusivamente seus interesses pessoais.

Quanto à rainha, podemos descrevê-la como uma figura mais centrada e madura que o rei, sabendo lidar melhor com as situações, se comparada ao rei. Mesmo assim, esta se comporta como alguém que tem sua voz silenciada junto a sua majestade o rei, a quem, além de deter o poder, toma as decisões, inclusive no seio familiar:

- Mamãe, que escuridão! Cadê tudo? Onde estão os jardins? A aldeia? Os campos? Tudo sumiu... – choramingava a princesa. - Não sei minha filha, nunca pensei que uma coisa dessas pudesse acontecer. Mas não tenha medo, filhinha. Seu pai vai dar um jeito. Vamos lá para junto dele. (MACHADO, 1996, p.12)

O rei é descrito como aquele que toma as decisões, resolve os problemas, enfim, dá a voz final na resolução dos conflitos, incorporando, assim, o

comportamento do homem na sociedade que costuma encarar a mulher como um ser ainda submisso ao homem e descrita como a cuidadora família, que zela pelo seu bem: “não tenha medo, filhinha. Seu pai vai dar um jeito”. A voz feminina é ocultada socialmente e, neste caso, a rainha incorpora o típico comportamento de uma cultura popular que durante muito tempo pensava na figura feminina como uma voz retraída, sem direitos.

A princesa, por sua vez, representa um comportamento que foge ao tradicionalismo dos contos de fadas em geral, pois ela não se submete aos desejos paternos, preferindo agir conforme sua própria vontade. Quando seu pai a promete ao príncipe em casamento, ela se opõe a promessa do pai e decide negar, optando por sair de casa para estudar, saindo em busca de suas realizações pessoais. Essa é uma atitude completamente diferente das princesas tradicionais que revela a atualidade da narrativa de Ana Maria Machado e sua crítica em relação à submissão feminina que se verifica em sua obra. Observe sua reação frente à decisão do pai que casá-la com o príncipe: “-Meu real pai, peço desculpa. Mas se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser”. (MACHADO, 1996, p.37)

Observe que a princesa age conforme seus próprios princípios e decide por ela mesma seguir seu próprio destino, dando a si a oportunidade de sair de casa, conhecer o mundo e estudar. Por isso, resolve viajar e ir à busca de conhecer e viver tudo o que ela ainda não tinha vivido preferindo conhecer novos reinos e novas pessoas ao invés de casar com o príncipe conforme o pai havia prometido.

O príncipe é tido como aventureiro, pois vem em busca de derrotar o dragão negro por pura diversão, por não ter justamente nada melhor para fazer, se libertando da mesmice e da vida nobre. Para a Pastora, o príncipe era tido como gentil, simpático e encantador, mas que na verdade não foi encantador o bastante para derrotar o dragão negro, agindo, assim, de maneira diferente dos príncipes dos contos de fadas tradicionais, que costumam ganhar com sucesso suas batalhas:

[...] Não era um príncipe encantado, mas a Pastora, que tinha o visto chegar, afirmava que era um Príncipe Encantador.
 Ele falou com ela, foi muito gentil e simpático, pediu um pouco d água para seu cavalo e explicou que ia se apresentar no castelo.
 -Só para casar com a princesa? Perguntou a Pastora
 Ele sorriu um sorriso bonito e explicou:

-Nada disso. O principal é não ficar parado.
 -Não tenho nada para fazer o dia inteiro, tudo o que eu quero alguém faz para mim. E adoro me movimentar, andar a cavalo, enfrentar desafios. (MACHADO, 1996, p.24-25)

Outro aspecto do seu comportamento que apresenta diferença em relação aos príncipes dos contos de fadas é o fato dele abrir mão da sua vida nobre e casar com a Postara, passando a viver uma vida simples de vaqueiro: “Então o Príncipe resolveu ficar por ali, aproveitando sua vontade de fazer alguma coisa e seu amor pelos cavalos. Acabou trabalhando de Vaqueiro nos campos da aldeia”. (MACHADO, 1996, p.40). Sabemos que o tradicional é a camponesa ou pastora desejar se tornar uma nobre, porém, inversamente a isso, o príncipe deixa sua condição de nobreza para viver na simplicidade do campo, justificando-se, mais uma vez, a contradição da história de Ana Maria Machado.

Por fim, verificamos que a pastora é quem consegue movimentar todo o seu povo em busca da salvação do dragão, atraindo a atenção do príncipe e ganhando o seu amor, figurando, portanto, como a heroína da história. Neste aspecto podemos dizer que a autora rompe também com a estrutura dos contos de fadas. Vimos que o príncipe não obtém bons resultados na luta contra o dragão e nem se apaixona pela princesa, mas pela camponesa, que desperta nele um sentimento de paixão, sendo por ela que prefere se casar. Sendo assim, podemos dizer que a autora inverte os papéis sociais: na história de Ana Maria Machado, o príncipe larga sua vida de nobreza e passa a viver uma vida simples ao lado da pastora, por quem se apaixona. Tradicionalmente, a camponesa é quem deixa a vida simples e pobre e passa a viver na nobreza. Mas a autora se coloca na contramão dessa realidade, pondo em evidência, assim, sua crítica à submissão da mulher:

O príncipe logo que viu a pastora entre as árvores, pela luz do olhar do Dragão, lembrou que pela manhã tinha a encontrado na aldeia e logo percebeu o quanto a pastora era bonita. Talvez pela manhã não tivesse dado tempo ver direitinho, pois vinha muito entusiasmado com a história do dragão. Percebendo a beleza da pastora, o príncipe logo perdeu a vontade de derrotar o dragão negro e de casar com a princesa. Ficou parado, olhando a pastora. Ela olhou firme e perguntou: “-Vossa Alteza não está bem?” E ele responde: “-Nunca me senti melhor em minha vida. A não ser por esta droga de armadura toda molhada”. (MACHADO, 1996, p. 34)

Observe que o encanto do príncipe pela pastora é retratado neste fragmento, momento em que se insinua sua opção pela vida simples que ela representa. Neste momento do enredo a história começa a sinalizar para a mudança no desfecho da sua trama, surgindo para o leitor uma nova possibilidade, qual seja, a de que a narrativa moderna pode dialogar com os contos de fadas tradicionais, com projeções novas para os reis e rainhas, príncipes e princesas que comparecem nessa forma narrativa.

O universo efabulado de Ana Maria Machado nos põe em contato com a fantasia e o imaginário que povoa o universo dos contos de fadas, tão bem representado pela presença do Dragão negro e do gigante, numa demonstração clara de que esses elementos continuam a garantir o desenvolvimento de enredos envolventes e divertidos como o que nos apresenta essa autora, a qual cria uma história marcada pela presença de reis, príncipes e dragão gigante, mas renovando sua estrutura, invertendo os papéis tradicionais dos personagens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar a narrativa *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado, procurando identificar as marcas dos contos de fadas presentes em seu enredo e observando de que maneira estes elementos renovam a narrativa da autora. A análise realizada nos possibilita fazer algumas considerações acerca da presença de tais elementos no enredo de *História meio ao contrário*. Vejamos:

O fato de a história se desenvolver em torno de um rei que se casa com uma rainha e tem uma filha princesa nos permite dizer que estes personagens são típicos dos contos de fadas. Neste caso, podemos afirmar que Ana Maria Machado retoma elementos desse tipo de narrativa. Porém, tais personagens, particularmente o rei e a princesa, se comportam de maneira muito diferente na história da autora: o rei é ridicularizado e a princesa demonstra muito à frente do seu tempo, pois resolve ir contra à vontade do pai de querer casá-la com o príncipe. Desse modo, podemos afirmar que embora a autora retome elementos tracionais dos contos de fadas, estes se renovam, pois fogem ao padrão comum aos contos, renovando-se também a narrativa de Ana Maria Machado.

Identificamos ainda na figura do gigante a retomada de figuras fantásticas muito recorrentes nos contos de fadas tradicionais, o qual também comparece na narrativa com um comportamento diferente em relação aos contos de fadas: ao invés de amedrontar e causar destruição, na história de Ana Maria Machado, o gigante faz o bem e agrada a todos da aldeia, de quem se torna um guardião. Desta maneira, podemos reafirmar o caráter inovador que marca a narrativa da autora estudada.

A figura do Dragão negro não deixa de representar um elemento dos contos de fadas, pois incorpora o teor de fantasia inerente a esse tipo de narrativa. Na história de Ana Maria Machado esse Dragão figura como uma metáfora utilizada pela autora para representar a natureza com todos os seus fenômenos: amanhecer, anoitecer, fazer sol e chuva, excelente estratégia criada pela autora para retratar o imaginário infantil tão recorrente nos contos de fadas, que partem em sua maioria com um “Era uma vez...”.

Enfim, podemos dizer que os personagens da trama de Ana Maria Machado justificam o título da narrativa: em sua maioria, estes se posicionam de maneira contrária aos personagens dos contos de fadas, mas isso não diminui o valor do seu

enredo. Muito pelo contrário, agregam valor aos tradicionais contos infantis que giram em torno de reis, rainhas, príncipes e princesas. Ou seja, a autora parte de uma estrutura tradicional para criar suas histórias e consegue renovar essa estrutura, criando uma nova narrativa, que é marcada pela fantasia, o humor e a crítica que pode favorecer a ampliação do horizonte de expectativa de nossos leitores. Por isso, consideramos indispensável a leitura da obra da autora na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e ação no magistério).

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editora, 2001. (Educando em formação).

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 21. Ed. São Paulo: Terra e Paz, 2007.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição ver. E atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CALADO, Eliana. **O encantamento da bruxa: o mal nos contos de fadas**. João Pessoa: Idéia, 2005.

CASHADAN, S. **Os 7 pecados Capitais nos Contos de Fadas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática** 18 ed. São Paulo: Ática, 2003.

GILLIG, Jean-Marie, **O conto na psicopegadogia**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Trad. Carlos Dias. São Paulo: Summus, 1980.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 10. ed. São Paulo: Editora Pontes, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. 20° ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. (Org.). **Seminário Ler é Preciso**. São Paulo: Global Editora, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.